

A cidade da Justiça e a cidade Fiel: uma Análise de Isaías 1,21-26

The City of Justice and the Faithful City: An Analysis of Isaiah 1:21-26

Luiz Alexandre Solano Rossi
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) - Brasil

Guilherme Kleinibing
Pesquisador independente

Resumo

A perícopes de Is 1,21-26 contém uma crítica ácida do profeta Isaías ao funcionalismo estrutural da cidade de Jerusalém e, com isso, ele atinge de forma direta a monarquia e o rei. O texto bíblico apresenta uma perspectiva de alto teor teológico e social. A elite social de Jerusalém aliou-se ao poder político, de modo que os processos judiciais estavam sendo manipulados por aqueles que dominavam a circulação da economia na cidade. Com isso, o texto bíblico aborda de modo específico a exploração e marginalização do órfão e da viúva na cidade. O objetivo geral desta pesquisa considerou a análise teológica e social da exploração e desumanização existente na capital de Judá, a cidade de Jerusalém, no período histórico do VIII a. C., período em que Isaías atuou como profeta. Desse modo, a pesquisa focou a urgente necessidade de humanização, para que a sociedade possa consolidar a solidariedade aos mais fracos e pobres.

Abstract

The pericope of Is 1:21-26 contains a scathing critique by the prophet Isaiah of the structural functionalism of the city of Jerusalem, striking directly at the monarchy and the king. The biblical text contains a highly theological and social perspective. The social elite of Jerusalem was allied with political power, so that the judicial processes were manipulated by those who dominated the circulation of the city's economy. As a result, the biblical text specifically addresses the exploitation and marginalization of orphans and widows in the city. The general objective of this research was to provide a theological and social analysis of the exploitation and dehumanization that existed in the capital of Judah, the city of Jerusalem, during the historical period of the 8th century B.C., the period in which Isaiah was a prophet. In this way, the research led to the consideration of the urgent need for humanization so that society can enjoy solidarity with the weakest and poorest.

Palavras-chave

Isaías.
Órfão.
Viúva.
Justiça.
Jerusalém.

Keywords

Isaiah.
Orphan.
Widow.
Justice.
Jerusalem.

Introdução

Isaías nasceu por volta de 760 a.C. no reino de Judá, durante o reinado do rei Uzias (781-740 a.C.). De acordo com Fohrer (2012, p. 325) e Díaz (2016, p. 189), sua origem é de Jerusalém. Segundo Berges (2011, p. 11), o nome Isaías (*yēšā'yāhû*) significa 'YHWH salva'. Foi filho de Amós, que não deve ser confundido com aquele cujo livro profético carrega seu nome. Isaías atuou durante o reinado de quatro reis de Judá: Uzias (781-740 a.C.), Joatão (740-736 a.C.), Acáz (736-716 a.C.) e Ezequias (716-687 a.C.). Os nomes desses reis ajudam a compreender a época desses acontecimentos que, conforme Rossi (2018, p. 33), situam-se entre os anos de 740-690 a.C. Conforme afirma Díaz (2016, p. 189), a origem jerosolimitana de Isaías influenciou sua concepção teológica, pois, ao receber as tradições religiosas sulistas, sua mensagem assume a eleição divina de Jerusalém e a dinastia davídica.

De acordo com Wilson (2006, p. 316), “parece que o profeta conheceu e teve acesso a membros da corte real (Is 8.2; 22.15-16) e, aparentemente, não teve nenhuma dificuldade em obter audiência não oficial com o rei (Is 7.3)”. Ele é visto como parte da estrutura, um profeta cúltico e este fundamento baseia-se em Is 6. Porém, há poucas referências no livro que oferecem fundamentação a este argumento. Wilson sugere acolher a hipótese de que Isaías pertencia à alta classe jerosolimitana, integrada à estrutura social central, formada pelo palácio e o templo. Entretanto, ele não compactuava com essas instituições, aspecto que pode ser claramente observado pelas suas ácidas críticas aos poderes político e religioso de seu tempo.

Na primeira etapa do seu ministério, relatada nos capítulos 1 ao 5, ele condena os líderes e o povo devido aos abusos sociais e culturais. Segundo Vermeylen (2019), nos capítulos 1-39 do livro de Isaías, o profeta apresenta um olhar político, social e religioso de Judá de sua época. Ao longo de muitas páginas, Isaías denuncia o que considera como pecado e anuncia um castigo que será causado por uma catástrofe militar. Em paralelo, prevê um futuro de triunfo para Jerusalém. Isaías atuou como intermediário central, mas sua vocação mudou substancialmente, aproximando-o da periferia. Rossi conclui que:

[...] no conceito de centro-periferia utilizado como chave de leitura para compreender a vocação do profeta Isaías, percebeu-se que o centro - seja um espaço geográfico e/ou simbólico - representa a concentração daquilo que é considerado essencial, aceitável, apropriado e sagrado, enquanto que o insignificante, ofensivo e impuro é empurrado para a periferia, seja ela compreendida de forma espacial e/ou simbólica. O profeta Isaías é claramente um agente religioso ligado ao espaço central e, mais ainda, a um duplo espaço central, ou seja, ao palácio e ao templo. Nesse sentido, deveríamos encontrar Isaías e seus textos numa relação de convivência com as duas maiores concentrações de poder e de violência física e simbólica. No entanto, é justamente o profeta Isaías que profere dois grandes e ácidos discursos contra o templo (1, 10-20) e contra a cidade de Jerusalém (1,21- 27) (Rossi, 2021, p. 344).

De acordo com Vermeylen (2019), o profeta Isaías, até o capítulo 39, apresenta um olhar clínico sobre os aspectos políticos, sociais e religiosos de Judá de sua época. Ele prevê que o pecado praticado trará uma catástrofe militar. Sua maior preocupação recai sobre a situação social e religiosa, de forma que o texto bíblico contém sérias censuras à aristocracia da cidade de Jerusalém (Is 1,21-26):

Como se tornou em prostituta a cidade fiel! (21a) Nela que habitava o direito e a justiça; agora cheia de assassinos! (21b) Tua prata se tornou escória, teu vinho se tornou aguado. (22) Teus príncipes são rebeldes, e aliados de ladrões: Todos eles (23) amam o suborno, e perseguem presentes. Não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva não chega perante eles. Por isso, palavra do Senhor, Yahweh dos Exércitos, o Forte de Israel: (24a) Ai: Serei consolado. Me vingarei de meus adversários (24b) e tomarei satisfação dos meus inimigos. Voltarei contra ti a minha mão, purificarei as tuas escórias (25) e limparei as tuas impurezas. Trarei de volta teus juízes como os de antigamente (26a) e teus conselheiros como no início. Depois você será chamada: Cidade da justiça e Cidade fiel! (26b)

Análise bíblico-teológica de Is 1,21-26

A análise do texto bíblico é essencial para uma maior compreensão do possível sentido da perícopé. Objetiva-se, com isso, compreender a maneira

pela qual o profeta Isaías construiu uma das mais ácidas críticas contra a cidade de Jerusalém e sua aristocracia.

Como se tornou em prostituta a cidade fiel! (21a)

Para Schwantes (1982), o v. 21 apresenta um paralelismo antitético: a tese é לְזוֹנָה “prostituta” e a antítese é נֶאֱמְרָה “fiel”. Na sequência, é detectado um paralelismo de modo quiástico que esclarece a antítese “cidade fiel”. O fim do v. 21, “agora cheia de assassinos”, é antítese do paralelismo sinonímico que o antecedeu e explica a tese “se tornou em prostituta”. Nesta situação conflituosa, os mais fracos são as vítimas. A perícopé apresenta uma situação na qual uns impõem aos outros. O momento é de terror, e a origem da violência está em quem manda na cidade de Jerusalém: “Como se transformou em prostituta a cidade fiel! Antes era cheia de direito e nela morava a justiça; agora está cheia de criminosos!” (Is 1,21).

Para Motyer (2016), o início do v. 21 “é um lamento sobre o colapso da sociedade de Jerusalém”. Já Price (2015, p. 33) compreende que “é uma expressão de pesar, assombro e angústia”. O biblista Schwantes (1982) explora as três dimensões temporais apresentadas no texto e mostra que o v. 21 aponta o futuro (morte e ruína), o presente (uma fé que está desviada de Javé e o terror social), e o passado (confiabilidade da cidade de Jerusalém). O passado de Jerusalém era bom, sua situação era ideal diante de Javé e ela recebia um relevante título: “fiel”, “confiável”. Porém, infelizmente, seu presente é completamente distinto e irreconhecível; o fato de violar os mandamentos do campo ético-social levou a “cidade fiel” a se “tornar prostituta”. Para Berges (2012, p. 48), “o que pode garantir o futuro é a conversão à retidão e à justiça”. Já Rivas (1992) identifica que o tema predominante no início do v. 21 é a “prostituição”, pois a cidade se prostituiu por dinheiro. A corrupção existente e vivenciada em Jerusalém foi exclusivamente provocada por interesses econômicos da elite social.

O v. 21 inicia-se com a imagem de prostituta e de fidelidade: “como se tornou em prostituta a cidade fiel”. A unidade textual finaliza-se no v. 26 com a imagem de um futuro positivo após a ação divina de purificação. Loza (2013)

declara que o povo era como uma esposa infiel e adúltera, e que a imagem de uma mulher, fiel ou prostituta, é a realidade coletiva do povo. Para relacionar-se fielmente com Deus, o povo necessitava ser também fiel ao povo, deve haver amor ao próximo. Porém, ao analisar de forma detalhada a perícopes, percebe-se que a denúncia profética não é direcionada ao povo de forma coletiva, mas aos dirigentes da cidade e à aristocracia. E “a cidade era fiel/digna de confiança” como uma verdadeira esposa é digna de confiança” (Motyer, 2016, p. 62) e tudo isso devido à fidelidade de seus governantes. Porém a infidelidade deles trouxe uma mudança radical no relacionamento da cidade com Javé. Infelizmente, a confiança cessou de existir, como destaca Oseias ao descrever o casamento entre Deus e seu povo: “eu me casarei com você para sempre. Eu me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu me casarei com você na fidelidade, e você conhecerá Javé” (Os 2,21-22). A quebra da aliança com Javé fez com que Oseias utilizasse o termo prostituta, referindo-se à ruptura de relacionamento e traição.

Porém, “aqui e Is 23,15-18 são as únicas passagens em que a literatura de Isaías usa a metáfora de adultério, ambas em um cenário de surpreendente restauração” (Motyer, 2016, p. 61). É preciso perceber que, em Oseias, a metáfora da prostituição é utilizada geralmente para se referir à prática cultural. Embora empregada para apontar a relação entre um homem e uma mulher, aqui sua função principal é denunciar a infidelidade e a apostasia que foi cometida contra Javé, devido à prática de rituais de fertilidade da religião cananeia. Em Isaías, a prostituição é acentuadamente referida no campo sociopolítico, ético-social, no âmbito das relações inter-humanas. Considerando apenas essa perspectiva da diferença do âmbito em que a prostituição é citada por Oséias e Isaías, pode-se dar sequência a uma investigação exegética mais detalhada dentro dos devidos contextos.

A violência é praticada por aqueles que mandam na cidade. Price (2015, p. 33) relata que “a corrupção da nação começa com seus governantes”. A teologia de Jerusalém é falsa e sua violência é real. Neste texto, a infidelidade não é atribuída ao sincretismo, mas à “corrupção social”. Com isso, percebe-se que a prática de falsas políticas se torna uma apostasia equivalente à prática do culto a Baal.

Nela que habitava o direito e a justiça; agora cheia de assassinos! (21b)

Duas outras palavras que contribuem para a compreensão da confiabilidade da cidade de Jerusalém são conceitos extraídos da relação inter-humana e retratam o setor jurídico e social: מִשְׁפָּט *“mishpat”* direito e צְדָקָה *“tsedeq”* justiça. Segundo Heschel (1984), essas duas palavras são termos-chave, pois a palavra *mishpat* significa o julgamento que é concedido pelo *shofet* (juiz). Desse modo, alguns de seus significados podem ser: justiça, regra, ordenança, direito legal e lei. Por isso, optaremos por utilizar em nossa tradução a palavra “direito”, que tem sido utilizada pelos tradutores em versões bíblicas contemporâneas, inclusive na versão da Bíblia Pastoral, utilizada nesta pesquisa. Já a palavra *tsedaqh* carrega um significado que pode ser um modo de ação, a retidão e a qualidade de uma pessoa. A retidão ultrapassa a justiça e concede a cada um o que lhe é necessário. A retidão engloba benevolência, bondade, generosidade. A justiça pode ser um estado de equilíbrio. Ela é vista como uma predisposição em favor dos pobres e está sempre inclinada ao exercício da misericórdia em favor dos vulneráveis. A justiça divina contém misericórdia e compaixão.

Para Marques e Silva (2018, p. 288), “direito e justiça são pilares fundamentais para a construção de uma sociedade igualitária, onde seus membros sejam respeitados em sua dignidade, tendo seus direitos preservados e onde eles possam partilhar das riquezas produzidas”. Desse modo, é possível perceber que, em Jerusalém, em algum momento, houve igualdade social, e as riquezas foram partilhadas. Mas, infelizmente, essa realidade que trazia dignidade, não perdurou por muito tempo.

Tua prata se tornou escória, teu vinho se tornou aguado (22)

O v. 22 é apresentado na forma de poesia hebraica, caracterizando-se como um paralelismo sinonímico. O dinheiro perdeu seu valor e os produtos estão deteriorados. O texto bíblico afirma que “sua prata se tornou escória, seu vinho ficou aguado” (Is 1,22), o que evencia uma economia falida. O v. 22 relaciona-se ao presente, apresentando acontecimentos, e Schwantes (1982) propõe que o versículo contém duas possibilidades de interpretação: (1)

refere-se ao processo pelo qual se obtém a prata. Neste processo de fundição, não foi possível separar o chumbo e os demais resíduos da prata. Assim, a prata ficou misturada com escórias; (2) ou pode-se entender a “prata” como “dinheiro”. Aqui, pode-se pressupor que o dinheiro/prata foi misturado a produtos que não possuem valor, permitindo a conclusão de que a aristocracia da cidade aumentou o volume do dinheiro/prata, meio de troca que possibilitava a circulação dos produtos. Esse aumento gerou a elevação do valor dos produtos, e, conseqüentemente, da “inflação”. A prata perdeu seu valor, equivalendo-se ao valor das escórias. Schwantes sugere que a segunda hipótese seja a mais viável, pois a seqüência do texto propõe continuidade no assunto ao abordar produtos adulterados.

No passado, eles eram como a prata, mas, devido a ações de injustiça social, houve uma quebra dos mandamentos divinos, e agora eles são escória. Motyer (2016, p. 62) destaca que “a prata que se tornou refugio sofre total degeneração”. Já Rivas (1992) considera que a ação pecaminosa contra os vulneráveis foi uma ação praticada contra o próprio Javé. Somente pela ação divina de purificação haverá mudança para uma condição melhor. Javé irá “purificar com soda/potassa as escórias” e “trará de volta os juizes como os de antigamente, e os conselheiros como no início”. Essa limpeza divina ocorrerá no governo e trará governantes com outro modo de agir, nos moldes antigos, como no tempo em que havia fidelidade.

Schwantes (1982) afirma que o v. 22 apresenta acontecimentos reais e se refere à situação econômica em Jerusalém. A desvalorização do dinheiro/prata e a adulteração produtos não são fatores que ocorreram por influência dos pequenos vendedores, mas devido aos que controlavam a economia e o comércio na cidade, especificamente os que atuavam na corte real, o que é sugerido pelo v. 23. Porém, essa linha de interpretação não será adotada neste estudo. Seguiremos na mesma direção de Rivas, que entende a metáfora do vinho/vinho aguado como uma referência aos governantes da cidade. De modo que o paralelismo sinonímico do v. 22 serve para ratificar essa situação lamentável. As imagens utilizadas referem-se aos pecados cometidos pelos dirigentes da cidade, que se tornaram corruptos e praticantes de injustiça social nas relações interpessoais.

Teus príncipes são rebeldes e aliados de ladrões: Todos eles (23) amam o suborno e perseguem presentes. Não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva não chega perante eles.

O fim do v. 23 retorna ao seu início “perante eles” apontando para שָׂרֵי־לְיָדָיִךָ “teus príncipes”. O v. 23 contém três paralelismos - um sintético dois sinonímicos -, todos interligados, explicando por que os príncipes são rebeldes. A administração e a jurisprudência são dominadas pela corrupção: “seus chefes são bandidos, cúmplices de ladrões: todos eles gostam de suborno, correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles” (Is 1,23). O profeta deve estar envolvido, talvez no caso de Isaías, aliado aos injustiçados que se organizavam, que se conscientizavam de sua situação de exploração e corrupção reinante.

Os responsáveis pelo espólio na cidade são citados diretamente. É necessário identificar os causadores do mal em Jerusalém, pois toda unidade textual fala sobre eles, os “teus príncipes”. Os príncipes são descritos de modo genérico, havendo a possibilidade de que a expressão seja uma formulação proverbial da época isaiânica. O v. 23 relata que esses príncipes são rebeldes, mas sua rebeldia não é diretamente contra Javé. À primeira vista, pode-se pensar que agem primariamente contra Javé, mas sua ação de rebeldia ocorre contra outras pessoas. Por isso, da mesma forma, estão em desobediência contra Deus, porque “jamais pode a pessoa, desde que tomou nova consciência, converter-se num fim em si mesma, porque sua relação com Deus somente alcança autenticidade e realidade no serviço imediato ao irmão” (Eichrodt, 2004, p. 320).

De acordo com Rivas (1992), os príncipes são סוֹרְרִים “rebeldes” e essa ação de desobediência contra Javé ocorre devido ao mandamento ético para orientação de conduta a ser seguido em relação ao próximo, o mandamento de amá-lo como se ama a si próprio: “ame seu próximo como a si mesmo” (Lv 19,18). Outro mandamento exige atenção especial aos órfãos, viúvas, imigrantes e necessitados, pois a desobediência aos mandamentos constitui uma traição a Deus.

A denúncia profética decorre dos chefes da cidade subverterem a ordem do מִשְׁפָּט “mishepat” direito e da צְדָקָה “tsedaqah” justiça, ao serem גְּבוּרִים

חֲבָרֵי “aliados de ladrões”. Os verbos “aliar-se” e “associar-se” referem-se a uma relação causada diretamente por interesses, não por amizade genuína e sincera ou por companheirismo, mas por mútuas vantagens: “quem rouba seu pai e sua mãe, dizendo que não é pecado, torna-se amigo de bandido” (Pv 28,24). O texto apresenta dois grupos: os “príncipes” e os “ladrões” - os príncipes fizeram pacto/aliança com ladrões. Segundo o v. 22, tais ladrões controlavam a economia, sendo os grandes comerciantes da época. Segundo Rivas (1992), o paralelismo “aliados de ladrões e rebeldes” reforça a ideia de que a ação contra o próximo constitui uma ação de rebeldia contra Javé. Os governantes são descritos como aliados de ladrões e a atividade da elite social permitiu que os príncipes, por intermédio de ações de roubo, enriquecessem.

O v. 23 é específico ao citar כָּלֹו “todos” os “príncipes”. A terminologia hebraica se refere à totalidade, abrangendo a coletividade de um determinado grupo, mas também aponta para a individualidade. Não se encontra no texto denúncia apenas a um único “príncipe”. O v. 23 apresenta como primeiro substantivo שֹׁחַד “suborno”, dado com a intenção de atrair a outra pessoa, conquistando seus favores. Este tipo de “propina” era utilizada para se levar vantagens e obter o ganho em processos judiciais, cegando os olhos e mudando o discurso de pessoas justas: “não aceite propina, porque a propina cega quem tem olhos abertos e torce até as palavras dos justos” (Ex 23,8). Até os sábios são confundidos pela propina: “não perverta a norma, não faça diferença entre as pessoas, nem aceite propina, pois propina cega os olhos dos sábios e perverte as palavras dos justos” (Dt 16,19).

Percebe-se que houve suborno para facilitar os negócios dos grandes comerciantes de Jerusalém (v. 22) e encobrir a violência causada por intermédio de suas ações (v. 21). Schwantes (1982) esclarece que o outro substantivo שְׁלֵמָנִים deve ser “presente” e significa “restituir” ou “retribuir”, sendo interpretado como “recompensas”. Eles “amam o suborno” e, essa ação, segundo Rivas (1992), refere-se aos ricos que conseguem subornar as autoridades, que culmina na corrupção e exploração dos pobres, caracterizando um ato de injustiça social. O suborno seria oferecido antes que as questões jurídicas fossem julgadas, enquanto os “presentes/recompensas” seriam entregues após as decisões judiciais favoráveis.

Os príncipes deveriam ser os primeiros a buscar a justiça, uma vez que eram os responsáveis pela manutenção do equilíbrio da sociedade em Jerusalém. Mas aceitaram presentes e agiram em oposição à justiça. A perversão dos decretos e leis representava a corrupção das autoridades, sendo um ato contrário à vontade de Javé. Tal prática era provocada pela ganância dos poderosos, que exploravam os pobres, que é destacado por Isaías: “aprendam a fazer o bem: busquem o direito, socorram o oprimido, façam justiça ao órfão, defendam a causa da viúva” (Is 1,17). Os príncipes “correm atrás” dos presentes/recompensas e as pessoas que foram beneficiadas por eles não poderiam esquecer dos favores realizados. Seria uma cobrança daquilo que foi realizado. Esses “príncipes” agiam fraudulentamente e esperavam ansiosamente pelas recompensas que receberiam como consequência de suas más e injustas decisões judiciais.

O v. 23b apresenta mais um paralelismo, destacando aqueles que foram diretamente atingidos pelas práticas injustas dos “príncipes” corruptos, especialmente no setor jurídico. A terminologia “julgar/julgam” refere-se a uma ação que, após ser praticada, deveria trazer de volta o equilíbrio na sociedade por meio das questões jurídicas. Porém, os julgados são os fracos e os pobres, nestes casos, o ato de julgar possui peso e força em sua interpretação, podendo ter como significado “defender” ou até “salvar”, devido aos vulneráveis não possuírem outra forma de reivindicação de seus direitos.

Já o termo רִיב, “causa” ou “processo” abrange o campo judicial. A “causa” nem chega perante os “príncipes”, pois, antes que isso ocorra, acontece o “suborno” que cega os governantes. Por isso, a causa dos indefesos não é julgada. Na literatura hebraica, o órfão e a viúva geralmente são citados juntos, por este motivo, serão analisados simultaneamente, considerando-se que ambos se encontram entre os pobres e fracos de sua sociedade

Os órfãos e as viúvas eram carentes de proteção na sociedade. Brown e Fitzmyer apontam que, por este motivo, “o acesso especial a Yahweh é a sua proteção” (2007, p. 148). O órfão aparece em textos junto à viúva e o estrangeiro; porém, a viúva e o estrangeiro são adultos e o órfão é um “menor

indefeso”. O livro de Deuteronômio retrata uma sociedade monárquica na qual o órfão também deveria ser protegido e o próprio Javé se coloca em sua defesa, pois “ele faz justiça ao órfão e à viúva” (Dt 10,18a). Na perspectiva de Frizzo (2009), ser órfão “trata-se de uma condição social insuportável empreendida por grupos dominantes contra o órfão, isto é, quanto à criança separada, à força, de sua mãe, roubada para servir de escrava ou para ser vendida a terceiros”. Por isso, podem ser considerados os mais “indefesos” entre os vulneráveis. As viúvas “eram um grupo singular em Israel em conformidade com a legislação divina” (Harris; Archer, 1998, p. 1998).

O contexto social do livro do profeta Isaías amplia a percepção de situações de injustiça praticadas contra os órfãos. Sbrana (2010) destaca que, no século VIII a. C., o órfão aparecia como vítima de um sistema social, político e econômico que provocava injustiças sociais. O profeta Isaías identifica essa situação ao declarar “ai dos que promulgam leis iníquas, os que elaboram rescritos de opressão para desapossarem os fracos do seu direito e privar da sua justiça os pobres do meu povo, para despojar as viúvas e saquear os órfãos” (Is 10,1-2). As pessoas a quem se dirige o “ai” são designadas, valendo-se do participio plural *הַחֹקֵים* “os que escrevem”, *הַחֹקֵים* “os que decretam”, e caracterizadas pelo seu agir desprezível *חֹקֵי-אֲוֵן* “prescrições iníquas”, *עָמְלַ פְּתוּב* “escrevem desgraça”.

O risco ao qual os pobres estão expostos é de interesse especial da jurisprudência. Na nova ordem criada pela monarquia e seu funcionalismo, os pobres estão mais ameaçados, e de forma sistemática, do que na comunidade de direito dos juízes leigos. Os funcionários da justiça tornaram-se funcionários da injustiça e da desapropriação do direito, já estão, porém, condenados à morte. Schwantes (2013) conclui que o povo não se constitui diante de Deus a partir de seus líderes abastados, mas a partir dos fracos. Na história de Israel, Deus parte da miséria dos marginalizados. Deus se torna Deus junto aos fracos, e a sorte dos pobres é decisiva para o povo. O núcleo do povo não se constitui dos fortes, mas dos fracos.

Ao analisar o texto, percebemos que os *שְׂרָפִים* “teus príncipes” ocupavam cargos em setores como administração, exército e justiça. Eles não eram príncipes por nascimento, mas eram “funcionários” do governo. Estando a

serviço do Estado, dependiam do monarca. Por isso, ao atacar esses funcionários, o profeta Isaías atinge de forma direta a instituição do reinado.

No v. 23, encontram-se dois grupos de pessoas: os “funcionários” da corte, que praticam injustiça social e causam sofrimento, e as vítimas da corrupção, “órfãos” e “viúvas”. Os vulneráveis da sociedade em Jerusalém são prejudicados pelo setor judicial através de processos. A denúncia se encerra no v. 23, que apresenta a luta social dos oprimidos.

Por isso, palavra do Senhor, Yahweh dos Exércitos, o Forte de Israel: (24a)

De acordo com Schwantes (1982), o v. 24 inicia-se com um anúncio: a palavra de Javé é comunicada. A parte “a” do v. 24 é uma fórmula do anúncio divino, na qual são acrescentados nesta introdução da palavra divina três epítetos divinos: אֲדֹנָי “Senhor”, יְהוָה צְבָאוֹת Yahweh dos Exércitos, e אֲבִיר יִשְׂרָאֵל o “Forte de Israel” (uma variante de “O Poderoso de Jacó”). Trata-se do texto de Isaías que mais apresenta títulos divinos.

Segundo Ramis (2006), a palavra אֲדֹנָי “Senhor” (Adon) é um nome divino que começou estabelecendo a relação entre Israel e Javé, indicando que o povo é servo do Senhor. Para Crabtree (1967), este epíteto divino era usado pelos israelitas em substituição ao tetragrama YHWH, devido à reverência pelo nome divino, que não ousavam pronunciá-lo. Esse epíteto indica que o Senhor é o proprietário (dono), o mestre e o governador de Israel.

O segundo epíteto é יְהוָה צְבָאוֹת “Javé dos Exércitos” (*Yhwh Tsebaot*) pode apontar para o domínio divino sobre os exércitos. Assim como um general orienta o sentido de uma batalha, Javé conduz o curso da história. Essa soberania de Javé, com enfoque teológico, exclui toda superioridade em que se colocaram os soberanos terrenos, com enfoque sociopolítico. Essa formulação do nome divino Javé, seguido por *Tsebaot*, frequente em Isaías, ocorre aproximadamente 50 vezes, e esse título pode significar: (1) o exército e as milícias populares; (2) o exército celeste: estrelas, anjos, divindades subalternas; (3) a onipotência e o senhorio de Javé. O Senhor Javé *Tsebaot* é o Deus que age na história do povo de “Israel”. O terceiro significado parece

ser o mais conveniente. E “o efeito combinado das duas frases é o de senhorio absoluto, de domínio total” (Oswalt, 2011, p. 141).

O terceiro epíteto, אֱבִיר יִשְׂרָאֵל “o Forte de Israel”, é uma variante do título atribuído ao Deus dos patriarcas, “o Poderoso de Jacó”. Segundo Ramis (2006), o epíteto “o Poderoso de Israel” é uma qualificação divina que descreve Deus como protetor e defensor do seu povo diante de qualquer adversidade. Crabtree (1967, p. 79) corrobora essa mesma interpretação ao afirmar que “o Poderoso de Israel” foi o defensor de Israel nos dias de perigo.

Ai: Serei consolado. Me vingarei de meus adversários (24b) e tomarei satisfação dos meus inimigos. Voltarei contra ti a minha mão, purificarei as tuas escórias (25)

O v. 24b é um paralelismo sinonímico e o conteúdo ali encontrado de forma genérica é detalhado nos versículos 25-26. A primeira afirmação do v. 25 “voltarei minha mão contra você”, conecta-se com os v. 21 e v. 23, utilizando duas figuras. Os paralelismos apresentam figuras, sendo eles sinonímicos e sintéticos em conexão ao seu início. O v. 26a retorna ao verbo do v. 25a, formando paralelismo sinonímico. O v. 26b parece ser prosa em sua primeira parte, enquanto a sua segunda parte se configura como um paralelismo sinonímico.

Os versículos 24b-26 apresentam a ação divina: Javé aniquilará os seus adversários e inimigos. O termo מְאֹיְבֵי “inimigos” não se refere a apenas a um adversário específico, mas é utilizado no plural para generalizar. Esses adversários e inimigos, designados pelo texto, não são estrangeiros, mas são internos! Os versos 21-23 indicam de modo claro que os inimigos são os “funcionários”, os governantes que mandam na cidade, integrantes da elite social e são jerosomilitanos. A culpa desses inimigos de Javé é uma culpa diante de Deus. De acordo com Ridderbos (1986), o “tomar satisfação” de Javé significa resfriar a ira divina em relação a seus inimigos. Aqui é utilizada uma forte expressão antropomórfica para indicar a ferocidade da ira divina: “voltarei minha mão contra você”. Essa ação divina vem “eliminando aqueles

que detestam ser reformados, para que não permaneçam como armadilhas ou como escândalos para a cidade fiel” (Henry, 2010, p. 10).

No v. 25 é utilizada a palavra יָדָא “mão”, uma metáfora para “força”, “vigor” ou “violência”. A segunda parte do v. 25a e v. 25b detalha a ameaça divina e apresenta um paralelismo que aponta para uma ação divina num processo radical de purificação. Haverá juízo divino contra alguns, eles serão totalmente afastados de Deus.

No v. 24b pode ser observada a ação de Javé contra indivíduos específicos: os “adversários” e “inimigos”. O v. 25 se refere à cidade de Jerusalém “contra ti”, prevendo uma mudança radical na economia. As “escórias” que se misturaram à prata no v. 22, responsáveis pela queda na economia da cidade, serão afastadas. Rivas (1992) destaca que no v. 25 a ação divina que é declarada trará remoção e purificação das escórias. Isso resultará na destituição dos líderes corruptos, e na instituição por parte de Javé de novos líderes que possuam características como as da prata, líderes que praticam a justiça. O texto diz: “me vingarei de meus adversários e tomarei satisfação dos meus inimigos”. Os causadores dos males sociais em Jerusalém são líderes corruptos, e isso fez com que eles atraíssem sobre suas vidas a ira de Deus. Em um primeiro momento, parece que, no v. 25, a vingança divina será contra toda a cidade, e que todos pagarão pela corrupção existente. Mas a ira divina se voltará somente contra os responsáveis pela cidade. Essa vingança, que ocorrerá na destituição dos governantes atuais, originará uma nova realidade: a cidade de Jerusalém, que havia se transformado numa prostituta, tornar-se-á a cidade da justiça e cidade fiel, e com isso haverá compromisso com a justiça por parte dos responsáveis pelo equilíbrio social da cidade. A fidelidade que foi perdida será reestabelecida por Deus.

A perícopre relata três momentos, refletindo estado da cidade em cada um deles: fiel (passado), prostituta (presente) e fiel (futuro). A fidelidade era praticada por um governo de justiça e direito; o tempo presente é de prostituição, por meio de roubos, subornos, despreocupação com os pobres; e a ação divina propiciará uma nova realidade no futuro, os governantes agirão

com fidelidade e compromisso ético-social. Houve lamento e denúncia da situação de adultério dos governantes (escória e vinho aguado). O próprio Deus realizará uma troca dos governantes, novos líderes representam um tempo de fidelidade.

Os v. 25 e 26 iniciam-se com o mesmo verbo וָשׁוּבָה “voltar”, e as versões bíblicas transmitem a ideia de que o Senhor voltará sua mão contra Israel. A mão de Javé se voltará contra a cidade, mas seu objetivo final é a restauração da cidade, não sua destruição. O juízo divino, portanto, será direcionado contra os governantes, que serão destituídos e não terão mais oportunidade por parte de Deus.

e limparei as tuas impurezas. Trarei de volta teus juízes como os de antigamente (26a) e teus conselheiros como no início. Depois você será chamada: Cidade da justiça e Cidade fiel! (26b)

A conclusão do v. 26 se refere ao início do v. 21 קְרָה נְאֻמָּה “cidade fiel”. O v. 26 declara uma restauração da cidade que está cheia de מְרַצְחִים “assassinos” (v. 21). A conjunção causativa “por isso” faz conexão entre as duas partes, e as duas partes iniciam-se com interjeições: אֵיכָה “como!” e הוֹי “ai”. Na primeira parte da perícopes, Isaías faz uma análise da realidade social dominante na cidade e, na segunda, prevê e apresenta a nova realidade.

Trata-se de uma mudança radical: haverá juízo sobre os “adversários” e “inimigos” de Javé, e, na sequência, o favor divino virá sobre a cidade. A ação divina declarada no v. 26 trará nova situação para a cidade. O v. 26 declara que haverá “restituição”. Os juízes eram aqueles que ocupavam um cargo na corte real de Jerusalém. No v. 23 aparecem como “príncipes”. De acordo com Brown, Fitzmyer e Murphy (2007, p. 478), esses grupos eram os “juízes e conselheiros: grupos relacionados à administração da justiça e da política nacional”). Tanto os “juízes” como os “príncipes” estão ligados à monarquia; os primeiros exerceram sua função de forma péssima, e, por isso, serão substituídos por aqueles que exercerão o cargo conforme a Lei de Javé.

O v. 26b tem como tema a nova realidade da cidade, que segue a ação de Deus. Isso é sugerido pelo termo אַחֲרַיְיָו “depois”. Essa nova realidade é

anunciada de modo público: após o aniquilamento dos “adversários” e “inimigos” de Deus acontecerá ação divina de restauração (v. 24b-25), e no v. 26 isso será celebrado. O final do v. 26 faz paralelo e retoma do v. 21 a expressão que relata como era o passado da cidade. No texto hebraico é “cidade fiel”, o conceito “justiça” é usado como sinônimo de “fiel”, duas palavras que qualificam a cidade. O que era (v. 21) voltará a ser (v. 26). O início e o fim do texto se correspondem, anunciando esperança e o início de um reinado em Israel, que tem como ênfase o aspecto político: “A própria corrupção dos líderes fornece combustível para o fogo da aspiração por um rei que um dia governará com justiça e paz” (Oswalt, 2011, p. 143).

A cidade de Jerusalém carrega em seu nome a palavra hebraica שלום “shalom”, que significa “integridade” e “paz”. Seu próprio nome apresenta que ela é a “cidade fiel” de Isaías.

Considerações finais

A presente pesquisa utilizou uma metodologia exegética objetivando analisar o texto bíblico de Is 1,21-26 dentro de seu próprio contexto, partindo de perspectivas históricas, políticas, econômicas e sociais. A pesquisa levou em consideração a análise teológica e social da exploração e da desumanização existentes na capital de Judá, a cidade de Jerusalém, no período histórico do VIII a. C., período em que Isaías atuou como profeta. Desse modo, o artigo apontou a urgente necessidade de humanização, para que a sociedade possa demonstrar solidariedade aos mais fracos e pobres.

Nesse sentido foi constatado que Isaías fez parte da religião oficial. Sendo sacerdote de origem, entendeu o funcionamento da monarquia e a função dos administradores da corte real, que atuavam no poder político. Isaías se deparou com as tradições orais do Êxodo, absorvendo-as e colocando-as em prática ao profetizar contra a religião oficial e a estruturação da monarquia. De membro da corte real, Isaías fez o movimento reverso: deslocou-se do centro para a periferia. Sua escolha o levou a romper com seus laços culturais, religiosos e políticos, deslocando-se do centro do poder religioso de Jerusalém para se posicionar em favor dos fracos e dos pobres, marginalizados pela sociedade.

Observa-se ainda que Isaías pertenceu à estrutura social central, sendo da alta classe jerosolimitana. Porém, não compactuava com essas instituições, fato perceptível nas ácidas críticas que fez aos poderes político e religioso de seu tempo. O Estado não escapou de sua crítica profética, e a monarquia se tornou alvo de seu julgamento. Isaías atuou como profeta nos ambientes centrais de Jerusalém, ou seja, palácio e templo, mas sua vocação mudou substancialmente ao ponto de aproximar-se da periferia.

A pesquisa possibilitou concluir que a cidade de Jerusalém passou de uma condição de boa e agradável para uma condição deplorável. O alvo da profecia são os líderes da cidade, responsáveis pela administração pública. A perícopes apresenta três dimensões temporais: passado (fidelidade), presente (infidelidade) e futuro (fidelidade)

No tempo presente, destaca-se a condição de infidelidade, atribuída aos dirigentes de Jerusalém, que, aliados à aristocracia, agiam em vista de seus próprios interesses. Aqueles que mandam na cidade são os que causam violência e opressão. O núcleo central da perícopes destaca a violência cometida contra os órfãos e as viúvas, que não tinham acesso aos seus direitos legais instituídos pela lei divina (Ex 22,21-22). Os processos judiciais eram manipulados, e o suborno foi a moeda de troca pelo favoritismo diante dos tribunais. Desse modo, a causa do órfão e da viúva não chegava perante os juízes.

O texto descreve a ruína econômica, o roubo, e destaca a corrupção geral de “todos” os chefes da corte, relata ainda a injustiça praticada pelo setor jurídico. O profeta Isaías recorre às tradições sulistas ao apresentar-se como mensageiro de *Yahweh*, utiliza epítetos divinos. Anuncia o juízo divino, convicto de que as possibilidades de arrependimento não existem mais, e que a condenação é certa. Os condenados serão afastados totalmente de Deus.

O objetivo final do texto bíblico tem em vista a restauração da identidade e do caráter da cidade de Jerusalém, que voltará, após uma intervenção de *Yahweh*, a ser chamada de “Cidade da Justiça e Cidade Fiel”. Pode-se concluir que, na sociedade atual, foram impressos aspectos do capitalismo, e isso favorece a população economicamente ativa, do outro lado

aqueles que estão em condição econômica precária vão sendo descartados e marginalizados, são literalmente abandonados.

A legitimação do poder político afeta de modo direto a população vulnerável. Sendo aplicados à sociedade brasileira os princípios bíblico-teológicos de Ex 22, 21-22e de Is 1,17, haverá possibilidade de haver direito e justiça e mais igualdade social. Os ensinamentos bíblicos podem, ainda, ser reforçados com o que o apóstolo Paulo escreveu para a igreja que estava em Corinto, quando destaca que o amor “não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade” (1 Cor 13.6).

Referências

- ASURMENDI, Jesús M. *Isaías 1-39*. 2° edición. Estella: Verbo Divino, 1981.
- BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. *Faces do Antigo Testamento: um exame das pesquisas recentes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007.
- CRABTREE, A. R. *A profecia de Isaías capítulos 1-39: Texto, Exegese e Exposição, Volume I*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.
- DÍAZ, José Luis Sicre. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.
- FRIZZO, Antonio Carlos; Lima, Maria de Lourdes Corrêa. *A Trilogia Social: estrangeiro, órfão e viúva no Deuteronômio e sua recepção na Mishná*. Rio de Janeiro, 2009. 235 p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- HARRIS, R. Lair; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento: Isaías a Malaquias*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HESCHEL, Abraham J. *Los Profetas: El Hombre y su Vocacion*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984.

MARQUES, Mariosan de Souza; SILVA, Rosemary Francisca Neves. Direito e Justiça na Teologia do Proto-Isaías. *Estudos Bíblicos*, vol. 35, n. 139, p. 288-300, jul/set 2018.

MOTYER, J. Alec. *O Comentário de Isaías*. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

OSWALT, John N. *Comentário do Antigo Testamento - Isaías Volume 1 - Capítulos 1-39*. São Paulo: Cultura Cristã: 2011.

PRICE, Ross E.; GRAY, C. Paul; GRIDER, J. Kenneth; SWYM, Roy E. *Comentário Bíblico Beacon: Isaías a Daniel*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

RAMIS, Francesc. *Isaías 1-39: Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén*. Bilbao España: Desclée, 2006.

RIDDERBOS, Jan. *Isaías: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1986.

RIVAS, Pedro Jaramillo. *La Injusticia y la Opresión em el Language Figurado de Los Profetas*. Estella: Verbo Divino, 1992.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Do centro para a periferia: o caso da vocação do profeta Isaías. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 336-345, 2021.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Os profetas: vocação para a liberdade e solidariedade*. São Paulo: Paulus, 2018.

SBRANA, Lélia Yole. *Justiça ao Órfão: um ensaio sobre o órfão na profecia a partir de Isaías 1,10-17*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SCHWANTES, Milton. A Cidade da Justiça: Estudo Exegético de Is 1.21-28. *Estudos Teológicos*, v. 22, p. 1-44, 1982.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo; São Bernardo do Campo: Oikos; Editeo, 2013.

SICRE, José Luis. *Introducción al Antiguo Testamento*. 7a edición. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2000.

VERMEYLEN, Jacques. *O livro de Isaías: uma catedral literária*. São Paulo: Loyola, 2019.

WALTKE, Bruce. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WILSON, Robert. R. *Profecia e sociedade no Antigo Israel*. 2. ed. rev. São Paulo: Targumin; Paulus, 2006.

Trabalho submetido em 11/09/2024.

Aceito em 26/11/2024.

Luiz Alexandre Solano Rossi

Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e pós-doutor em História Antiga (UNICAMP) e em Teologia (Fuller Theological Seminary). Mestre em Teologia (ISEDET). Professor no Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR e na UNINTER (Centro Universitário Internacional). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3270-135X>. E-mail: luizalexandreroSSI@yahoo.com.br

Guilherme Kleinibing

Mestre em Teologia (PUCPR), Pós-Graduando em Mídias na Educação (UFPR), Especialista em História Cultural (Claretiano Centro Universitário), Especialista em Teologia Bíblica e Ministério Pastoral (Faculdade Cristã de Curitiba), Licenciado em Sociologia (UNINTER), Licenciado em História (Claretiano Centro Universitário), Bacharel em Teologia (Faculdade Cristã de Curitiba). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3270-135X>. E-mail: guilherme.kleinibing@hotmail.com